

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis —
Trimestre, 935 réis.

Subscrição-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franquenda, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis —
Trimestre, 800 réis.

NUMERO 198

TERÇA-FEIRA 2 DE JUNHO DE 1863

TERCEIRO ANNO

AVEIRO

O projecto de lei de instrução publica que actualmente se acha affecto á camara dos srs. deputados não pode passar izento de reparos graves e justos.

Ninguém se atreverá a impugnar a reforma deste ramo de serviço publico, nem tão pouco a receberá de bom grado sem que ella seja adequada ás necessidades actuaes.

Adoptar medidas inexequíveis e deixar no esquecimento as uteis e necessarias é uma vaidade funesta e imperdoavel, e á plena justificação do epigramma.

Tantas necessidades sem lei.

Tantas leis sem necessidade.

Neste caso nos parece estar o projecto que ha tanto tempo esperavamos. Uma breve analyse mostrará a verdade das nossas asserções filhas apenas do bom desejo de ver melhorada d'uma vez a instrução publica.

O ensino primario fica dividido em elemental, complementar e normal, e haverá, para o sexo masculino, uma escola normal em cada districto, uma complementar em cada comarca e uma elemental em cada freguezia.

Esta divisão dos graus da instrução primaria e a distribuição das diferentes partes do estudo estão inconvenientemente estabelecidas. Desenvolver tanto os programmaes de ensino, quando os actuaes não são cumpridos nem exigidos pelos alumnos é coisa extemporanea.

A criação das escolas normaes em todos os districtos está mal pensada e é antieconomica.

Crear escolas normaes para habilitar professores não é necessario — basta augmentar-lhes os vencimentos que elles se apresentarão habilitados.

Mas se tanto julgam preciso basta nomear mais um professor para cada um dos lyceus que ha nas cabeças dos districtos, e encarregar o do ensino das materias que actualmente n'elles se não professão, e distribuir pelos já existentes as restantes, segundo a afinidade que tem com os ramos d'ensino.

Tambem nos parecem inconvenientes as escolas d'ensino complementar em todas as comarcas, principalmente e custa da diminuição que soffre o ensino elemental.

Ha uma tal differença entre o programma dos professores d'ensino elemental e o dos exames d'instrução primaria que não pode qualquer alumno fazer exame nos lyceus sem cursar primeiro as escolas complementares.

Tem por tanto todos os habitantes das freguezias, que não forem as da cabeça de comarca, de mandarem seus filhos para as escolas complementares com o mesmo sacrificio com que os mandariam para a cabeça do districto. Assim soffrem quasi todos os que até agora podiam habilitar seus filhos na sua propria terra, e só lucraram os das cabeças de comarca.

Não concordamos igualmente com a demasiada extensão do objecto da instrução primaria. Querer tornal-a encyclopedica, é querer que não se saiba nada. E' preciso attender ás tendencias actuaes e respeitar as edades.

Os rudimentos de desenho linear e musica no ensino elemental, e no complementar, a sua continuação; hygiene e figuras de geometria são exigencias temporãs, inconvenientes e proprias

de idades mais adiantadas do que aquellas em que deve estudar-se a instrução primaria.

O mesmo diremos dos rudimentos de direito natural e politico e de economia politica, dos rudimentos das sciencias physicas e naturaes com applicação á industria, noções de philosophia moral e hygiene publica que tudo é objecto do ensino normal.

Nem os professores d'ensino elemental e complementar devem ensinar mais nem menos do que aos alumnos se exige no exame d'instrução primaria, nem os de ensino normal mais do que os primeiros são obrigados a saber e explicar.

A par de tanta prodigalidade apparece uma mesquinhez ridicula.

O estado material das escolas é vergonhoso e é elle que mais concorre para o pouco resultado que d'ellas se tira com tudo é votada a modificação annual, de dez contos para a construção de edificios para as escolas.

Gastem-se contos de reis com escolas normaes, por ora muito dispensaveis, e deixem-se as escolas indispensaveis em casas improprias de taes usos e pagas á custa dos professores. Com a quantia annual de dez contos tarde se poderão satisfazer todas as necessidades materias das escolas.

Parece-nos que seria melhor impôr essa obrigação ás camaras municipaes, que é menos penoso em vista da legislação actual que lhes facultam os serviços pessoais dos municipios.

Devia em troca ser suprimida a gratificação que pagam aos professores.

Haverá uma escola elemental para o sexo feminino em cada cabeça de concelho, outra complementar em cada comarca e outra normal em cada districto e pode o governo dar temporariamente o caracter de escolas mixtas ás já existentes. Não deve temporariamente, porque é obrigada a fazel-o sempre.

Uma escola em cada concelho, quando os ha que tem quatro a cinco leguas de extensão, já não é sufficiente para todas as meninas, nem ellas a podem ir frequentar. E' preciso por tanto determinar este caracter das escolas do sexo masculino e contar com isso, dando-lhe o espaço conveniente para separar quanto possível os dois sexos.

Pode mesmo nas freguezias rurais determinar-se a aula da manhã para o sexo masculino, e a da tarde para o feminino, visto que este póde de manhã occupar-se no estudo dos labores, e aquelle poucas vezes frequenta a escola de tarde.

Em todo o caso é preciso cuidar de instruir o sexo feminino tanto como o masculino. A mãe influe mais na educação dos filhos do que o paé. Voltaremos ao assumpto.

Estamos desenganados. A opposição não abandona o systema de politica impeditiva, que adoptou e com que falsêa as mais uteis praxes do systema constitucional.

Tendo a mira no poder, que aguarda escalar, todos os meios lhe parecem convenientes e justos, com tanto que possam dar o resultado, que pertende.

Se discute na imprensa, não ha esperar d'ella o commedimento e cortezia na linguagem, nem o emprego da argumentação franca e leal. Em logar d'isso vemol-a usar das mais acrimoniosas e descabellada verrinas, e, quando as convenien-

a assemblêa que a ouvia, e para todas as situações, que tenderem a nobilitar-se! Como este homem sabia ser sempre da sua época, das suas idéas, e da sua patria!

Durante a revolução do Minho ao lado do duque de Palmella e de Luiz Mousinho, tão dignos de entenderem as suas generosas aspirações; no governo da junta do Porto inseparavel de seu irmão nos perigos e cuidados, por maior que fosse a provocação, ou por mais consternado que tivesse o animo, ninguém o viu nunca senão aconsellar e persuadir o esquecimento das injurias, o desprezo das calumnias, a magnanidade na victoria, a resignação em presença dos desastres. Arrancando-se dos braços da esposa e filhas, que para elle resumiam tudo na sua estremosa ternura, vòu á cidade, bargo da emancipação politica, e como simples cidadão exige uma parte na responsabilidade e no risco da incerta contenda, que acaba de travar-se. Inaccessível ao desalento, o seu valor cresce com as difficuldades, e a sua palavra imaginosa conforta e confirma até os mais tibios e indecisos. Depois de 1851 chamado outra vez ao parlamento, ao thea-

tro dos seus triumphos, qual de nós se não presou de o ter por amigo, por guia em muitas excursões arriçadas, por moderador dos repentinos impetos juvenis? Qual de nós não repetiria as expressões, que o luto da sua perda suggeriu a Mendos Leal na sessão de 20 de janeiro d'este anno?

«Não é preciso fazer aqui o elogio do homem, exclamou o orador, hoje ministro. Para que? Está feito no coração de nós todos, que o admiramos, ha de confirmal-o a historia, onde tem um logar indisputavel, e onde o esperam os louros, que não morrem.

«Tive antagonistas, não tive inimigos; competi em idéas, não provoquod odios. Terminada a controversia, ou a lucta, ficava mais vivo o affecto, que elle soube em todos os lances carrear e manter.

«Foi um grande talento; foi um coração ainda maior. Cabiam ali á vontade os mais generosos sentimentos, como na sua mente os mais vastos designios.

«Deve-lhe muito esta terra, devemos lhe muito nós todos. A sua morte é para esta casa

verti que discentir o orçamento não é discentir o modo por que se acham organizados os diferentes serviços do estado, nem apresentar alvitres ácerca do modo, por que couvira organisal-os.

Fiscalise as despesas publicas, que todos vos louvarão muito por isso; mas lembre-vos que tractando-se de examinar um orçamento, para que o exame seja consciencioso e completo, é mister pôr de parte a desaffeição, que sentis pelo actual ministerio, e não desperdiçar o tempo em que-tões deslucadas, nem em recriminações pes-soas.

Fulminae os desperdícios e dissipações, que com isso bem merecereis da patria; mas não vos esqueças de que, para discriminar os desperdícios das despesas necessarias e justas, é mister uma analyse desapaixionada, e feita com um completo despreendimento de considerações pessoais.

Em quanto fizerdes o contrario, nem mostraes que comprehendes a divida que contraistes com o paiz ao aceitar o mandato popular, nem conseguireis que algum acredito na pureza de vossas intenções.

Damos hoje publicidade á carta que em seguida se lê, e que recebemos no dia 28 do mez passado, mas que por falta de espaço não podemos publicar.

Sr. redactor.

«Declaro debaixo de minha palavra de honra, que é falso e falsissimo quanto diz o «Campeão das Provincias» no seu n.º 1136 de 23 de maio corrente, da vida privada, e domestica de meu filho José Luciano de Castro, actual deputado em côrtes, especialmente em relação a ter-se insubordinado contra mim!!

Aquelle meu filho, como todos os que tenho educado, sempre me tem sido tão obediente e respeitador, que faz as minhas delicias paternaes. Aquelle meu filho, que é o meu melhor e mais verdadeiro amigo, e que é tão desvelado por seu paé e irmãos, de quem tem mais cuidado, que de si proprio, é accusado de haver me posto mãos violentas e sacrilegas!! E' até onde chega a cegueira ou malvadez de paixões partidarias!!

Com todas as forças de que disponho, protesto contra uma tão infame calumnia, da qual me desforçaria, (como já o fiz por menor motivo, n'uma das audiencias mais concorridas dos tribunaes d'Aveiro) redobrando a dóze de bofetadas que imprimi na cara do auctor de taes calumnias, José Eduardo d'Almeida Vilhena, se não temesse sujar as mãos nos escarros que l'ha tem enodado, e lançados ali n'um dos logares mais publicos da cidade do Porto.

Desculpe-me, sr. redactor, a acrimonia com que me expriro: mas colloquem-se todos no meu logar, mettam a mão na consciencia, e digam se deveria ou não ser outro o correctivo...

S. C. Oliveirinha, 28
de maio de 1863

Francisco Joaquim de Castro.

Em seguida publicamos do «Diario de Lisboa» do dia 28 do mez passado, o que o sr. deputado José Luciano de Castro disse na sessão do dia 26 do mesmo mez, antes da camara entrar na ordem do dia.

uma verdadeira dôr, é para esta nação uma verdadeira perda.

O que póde acerescentar-se que diga mais, ou tanto? Os testemunhos publicos e unanimes de saudade, as lagrimas que orvalharam as suas cinzas, as recordações que exaltam a sua memoria, eram os unicos premios que elle podia querer, e que o paiz, lhe concedeu por geral e espontaneo impulso. As votções das duas camaras; a tristeza não simulada, mas pungente até dos que o não conheciam, e o sentimento immenso da sua falta, depois da falta de um rei tão amado, tudo isto disse mais aos seus ácerca d'elle, do que exprimiriam pomposos monumentos, e incançaveis panegiricos. O nome de Passos Manoel é tão puro e glorioso, que pronuncial-o é sufficiente para nos inclinarmos respeitosos lembrados das prendas, que ornaram o seu engenho, e das virtudes, que esmaltaram o seu caracter.

(Revista Contemporanea.)

L. A. Rebello da Silva.

FOLHETIM

PASSOS MANOEL

(Conclusão do n.º 194)

«Hoje, porém, um acontecimento igualmente doloroso obriga-me a deixar o meu retiro e solidão. E' com muito pesar que volto a tomar parte nas agitações politicas. Venho de novo levantar a voz no parlamento; mas é uma voz de paz e de tolerancia, que desejo fazer ouvir á camara e ao paiz, e não um brado de indignação e vingança. Não venho aqui accender e inflamar odios civis. Podesse eu apagal-os todos! Não venho dirigir recriminações áquelles que porventura as tinham merecido. Não o fiz nunca, não o farei agora.»

«Que bella e instructiva lição para os auditores, que esta eloquencia, inspirada pelos mais puros sentimentos, commoveu e arrebatou, para

«O sr. Luciano de Castro:—Sr. presidente, eu pedi a v. ex.^a e á camara, que me dessem a palavra para lhes dar conhecimento de um facto que me tem impressionado tão profunda e angustiosamente como nunca nenhuma outra da minha vida publica nem particular me havia ainda impressionado.

Nun jornal de Aveiro, o «Campeão das Provincias», n.º 1135, vem um artigo contra o governo, em que, depois de se fazerem as maiores accusações contra os srs. ministros, falla-se desfavoravelmente no meu nome, dirigindo-me calumnias que, o meu proprio caracter e pundonor repellem, e que são muito inferiores á minha dignidade.

Vou lê-las á camara.

«Mas a immoralidade do governo deve affir-se pela torpeza de seus defensores. Um d'elles, deputado e escriptor politico, levantou mãos sacrilegas contra seu proprio pae! Acto este que foi presenciado por uma parte dos electores do circulo por que primeiro foi eleito! Quem esquece os deveres filiaes para cevar com espancamentos publicos no auctor de seus dias o despeito de uma pretensão mallograda, está delinido, e não pôde illudir ninguém. A vilania da acção classifica o homem, e põe a lume a ruindade dos instinctos.»

Espancar um pae!... Espancar um pae!... Accusação tão torpe, miseravel e infame, que nem posso comprehender bem a significação d'estas palavras!

Espancar seu proprio pae! Levantar mãos offensivas contra o auctor de seus dias! Que filho onará commetter semelhante attentado?! Appello para o sentimento e para o coração de todos os que me ouvem, amigos e adversarios, e que todos digam se ha alguém que possa ouvir pronunciar estas phrases sem que lhe estremeça o coração, e se lhe desvaire o espirito atribulado e perplexo diante de tão negra calumnia?!

Ainda que estas arguições fossem verdadeiras, nunca ellas deviam ser trazidas para a vida publica (apoiados). São actos da vida particular, que devem ser alheios ás discussões da imprensa politica; mas tanto estes factos são calumniosos, que ainda hontem recebi uma carta de meu pae, a qual dei a ler a alguns dos meus collegas, que me ouvem (Vozes:—E' verdade), e em que elle me diz:

«Ri-te, meu filho, das torpes calumnias que te assacam os teus inimigos, e despreza os» (apoiados).

Confesso a v. ex.^a que nunca, nem na minha vida politica nem particular, senti tamanha indignação como foi quando li estes miseraveis alevies, estas infamantes injurias. Custa na verdade a um homem, que se preza, a defender-se de taes arguições!

E' verdade; tenho censurado os meus adversarios politicos, mas não me recordo de ter desvasado o fóro da sua vida intima, nem de haver descido no ardor das paixões politicas ao sanctuario da familia para infamar o seu caracter!

Nunca os hostilizei d'este modo. Tenho a consciencia d'isso. Ponco me importa que me arguam ou que apreciem desfavoravelmente as minhas opiniões, mas pela maneira por que eu sempre o tenho feito (apoiados).

Não digo mais nada com relação a esta accusação.

Deixo a resposta aos sentimentos generosos que Deus e a natureza escreveram no coração de todos os homens.

O filho que levanta a mão contra seu pae, abate-se até ao nivel dos irracionais; deixa de ser homem, e é talvez mais do que fera—é um monstro.

Vozes:—Muito bem.

Eu prezo-me de ser um homem de bons sentimentos, um homem honrado, e um filho obediente e amigo de meus paes (apoiados).

Continua o jornal de Aveiro dizendo:

«Mas isto, que é bastante para julgar da honestidade do homem, não accentua bem a devassidão de tão cynico caracter. Uma parte dos portuguezes residentes no Brazil pronunciou-se contra os actos do consul geral de Portugal, levando suas queixas até aos pés do throno. Um deputado da maioria levantou-se com a furia de Nabuco, verberando em apodos facciosos o funcionario, que não estava ali para erguer a voz em sua defeza, e contra o qual não possuía irrefragaveis provas de accusação. Repetidas vezes o deputado elevou a voz acriminosa, molhada em fei, para estigmatizar o sr. barão de Moreira, cujo procedimento todavia estamos longe de louvar ou censurar, porque não compulsamos todas as pegadas do volumoso processo instaurado contra elle. Ora, era publico e notorio que a favor do consul se empenhavam 100.000.000 réis, e que contra elle trabalhava igual quantia; e disse-se sem rebuço, que o tal deputado fóra comprado para fazer no parlamento a virulenta accusação, que indignou a maioria e minoria da camara, e que geralmente desagravou, porque para que as orações parlamentares sejam bem acolhidas é forçoso que se tornem moderadas e decentes.»

«Ainda mais: havia um velho funcionario, que encanecera ao serviço da patria, que emigrára e soffrera privações nas terras do exilio, e que, desembarcando nas praias do Mindello, fóra um dos valentes campeões do exercito libertador. Despidos de ambições, trocára por um pequeno logar os destinos que pareciam sorrirem-lhe, se porventura seguisse a carreira que lhe estava reservada. O velho liberal preferiu aos esplendores de mais elevada posição social a paz e gosos domesticos, dando de mão a aspirações, que podéra em tempos realisar. Não longe da terra em que o ancão

a quem nos referimos desempenhava um importante logar na fiscalisação costeira, havia um negociante, cujo trafico illeito aquelle estovára por diferentes vezes, mandando proceder á apprehensão de fazendas do seu estabelecimento que se vendiam por diferentes partes sem o competente sello da alfândega. Esta prova de boa fiscalisação não agradou aos interessados, e prometteram-se grossas quantias para apagar o empregado zeloso, que punha o cumprimento dos seus deveres acima de todas as considerações pessoais. O deputado da maioria, que havia sido implacavel contra o consul, foi negociado para tratar da substituição d'aquelle empregado. Corrupto até á medula dos ossos, o representante do povo, que diante dos seus primeiros electores havia batido em seu proprio pae! aceitou o contrato; a veniaga arranhou-se; o ministro pouco escrupuloso annuiu ao empenho do seu officio amigo, e a vingança assalariada teve no deputado da maioria o seu mais cabal executor!»

E esta a accusação que principalmente me obrigou a vir a esta camara a dar as explicações que julguei necessarias. Quando li este jornal entendi que devia appellar immediatamente para os tribunaes (apoiados), e mandei logo procurar para que se intentasse o competente processo criminal para obter o desagravo da minha honra ultrajada.

Diz o jornal—que fui comprado por cem contos réis!—(Riso) Isto é mais que miseravel (apoiados). E' disparatado e ridiculo.

Pois os srs. Rocha Peixoto, visconde de Pinella, Cyrillo Machado e Perera Dias, que me acompanharam sempre na questão do sr. Barão de Moreira, tambem foram comprados?!

Como já disse, appellei para os tribunaes; fiz o que a um homem de bem cumpre fazer. E a mais eloquente resposta que posso dar á calumnia (apoiados)

Enquanto á transferencia do director da alfândega de Aveiro, direi tambem duas palavras. Eu não concorri para a transferencia do sr. director da alfândega de Aveiro, e ali está o sr. Mendes Leite, que está presente, e que pôde declarar se diante de v. ex.^a não fez o sr. ministro da fazenda já esta expressa e categorica declaração. Heide fazer uma pergunta n'este sentido ao sr. ministro da fazenda, para que v. ex.^a possa assellar com o testemunho da sua palavra a declaração que acabo de fazer.

O sr. director da alfândega de Aveiro foi transferido em virtude de documentos existentes na secretaria da fazenda, e até por informações do sr. Bazilio Cabral Teixeira de Queiroz, ex-governador civil de Aveiro, e que merecia toda a confiança d'aquelles que hoje tão atrozmente me caluniam (apoiados).

Pego a v. ex.^a que me reserve a palavra para quando entrar o sr. ministro da fazenda, porque desejo provocar da parte de v. ex.^a uma explicação categorica a este respeito. Quero que v. ex.^a declare sob a sua palavras de honra—se alguma vez lhe fallei na transferencia do sr. director da alfândega de Aveiro, cavalheiro que eu respeito pelas suas qualidades e que nunca hostilizei.

São os contrabandistas do Porto, que me compraram para obter esta transferencia—os contrabandistas do Porto a quem sempre fiz crua guerra. Ali estão os jornaes do Porto, que attestam a guerra que sempre lhes tenho feito; não cito os seus nomes (apoiados). Basta-me referir o facto, que ninguém poderá contestar.

Havendo n'esta camara um deputado que é proprietario do jornal que tenho na mão, admirame que não tenha vindo aqui tomar a responsabilidade d'estas arguições, visto que hontem fiz dizer a v. ex.^a—que carecia da sua presença hoje n'esta camara para pedir-lhe explicações a respeito das calumnias que me são assucadas. S. ex.^a não compareceu infelizmente.

Pois a sua presença era aqui necessaria, até mesmo para desagravo seu, para que elle respondesse pelo seu jornal e pelas arguições que me eram dirigidas (apoiados). O sr. deputado, a quem me refiro, não compareceu, e eu abstenho-me de qualificar esta inqualificavel cobardia; pois que estou persuadido que é cem vezes cobarde o homem que não tem coragem bastante para sustentar as suas opiniões; e fal-o quem não comprehende, nem tem a consciencia da sua honra, quem se recusa a dar explicações a um homem de bem, cuja reputação foi insidiosamente e perfidamente ultrajada nas columnas do seu jornal; a um homem de bem, que mandaram apunhalar pelas costas (apoiados).

Vozes:—Muito bem.

O orador:—Appello para o testemunho de muitos srs. deputados, que sabem que eu hontem fiz dizer áquelle deputado—que era hoje dia de ajustarmos as nossas contas, e de o provocar para que elle diante do meu paiz dissesse—se eram verdadeiras as calumnias com que me pretendiam infamar. Mas o sr. deputado contentou-se unicamente em dizer a alguns amigos meus—que desaprovava altamente o artigo publicado contra mim; e a sua dignidade porém pedia que viesse aqui publicamente dizer ao homem de bem agredido injustamente—que não approvava aquellas infamias; e o sr. deputado não entendeu assim. Este procedimento é cobardissimo, porque o é incontestavelmente o homem para quem a honra é um preceito vão e a dignidade um simulacro inutil (apoiados).

Vozes:—Muito bem.

O orador:—Sr. presidente, agencie avultados lucros com os contrabandistas do Porto; espanquei meu proprio pae; e ainda mais... (Vozes:—Não continue); vendi-me por 20 libras na questão da moeda falsa, assistindo a um inqueri-

to de testemunhas para que tinha sido convidado!

Infamia sobre infamia!

Eu podia levar 40 ou 100 libras, porque sou advogado, e no exercicio da minha nobre profissão podia pedir pelo meu trabalho o que quizesse; quem não quizer os meus serviços não me procure.

Não me vendi, nem levei 20 libras, levei 16; podia exigir 40 ou 50; e não foi para assistir a um inquerito, foi por assistir a seis dias de inquirição. E não fui advogado porque os demais advogados do Porto não quizessem aceitar a proeuração, fui o primeiro e unico advogado consultado.

Até essa occasião não tinha ainda escripto uma só palavra a respeito de moeda falsa nem a favor nem contra o sr. Mártens Ferrão; depois recusei avultadas quantias para defender o «Agapito» e o «Tribuno Popular».

Ora eu escuso dizer mais á camara (apoiados.—Vozes:—Muito bem.), porque esta questão está afficta aos tribunaes, e eu espero que os magistrados que administram justiça no meu paiz não de ter consciencia e imparcialidade para punir rigorosamente uma infamia, que vem desautorar e macular o mandato nas mãos do deputado que se présa de o saber desempenhar com dignidade e inteireza.

Procedem desassazadamente os que assim praticam, mas eu sei perfeitamente o que isto é; são as desgraçadas e deploraveis questões do districto d'Aveiro, são as influencias que se sentem attenuadas, são as ideias de predominio politico e districtal que se vêem assoberbadas; mas eu não tenho culpa d'isso; cumpri o meu dever, e hei de cumprir-o sem nenhum receio.

Mas digo com inteira desconsolação e com grande desanimo, que o que isto faz é confirmar a ideia em que estava ha muito, de voltar para a vida particular, d'onde nunca devêra sair; porque se não pôde ser neste paiz homem publico (apoiados.—Vozes:—Muito bem). O peor sacrificio, o mais doloroso martyrio, que se pôde impôr a um homem honesto, é fazel-o deixar a vida particular para abraçar a publica; porque trabalhando fadigadamente em defen-a das suas convicções, depois vê-se assim perseguido pela calumnia, que todos os dias e a todas as horas segue e acompanha os homens que vem a esta casa com maior ou menor convicção, com mais ou menos desassombro defender a causa das suas ideias.

Digo a v. ex.^a com inteira desconsolação, que hei de voltar á vida particular e para sempre, para nunca mais sair d'ella, ainda que não seja já hoje ou amanhã, porque sou soldado de um partido a que me honro de pertencer, e enquanto a minha humilde pessoa servir a esse partido, não o hei de abandonar (apoiados); mas logo que possa, e com a maior brevidade, hei de voltar á vida particular; hei de voltar á minha banca de advogado, de que já tenho saudades, porque em quanto lá estive nunca fui accusado de me vender por 100.000.000 rs., como se eu fosse capaz de me vender por quanto dinheiro podesse ser enthesourado pelos negociantes brasileiros e pelos contrabandistas de toda a parte e de todas as especies, conspirados para comprar um homem de bem. (Vozes:—Muito bem.)

Dadas estas explicações, que devia, asseguro que nunca negocié com o meu mandato, porque isso seria um desdono para mim, nunca pedi cousa alguma a nenhum ministro, e elles que o digam, que declarem se lhes pedi algum favor pessoal; nunca pedi, nem espero collocação lucrativa das mãos do governo.

Portanto creio que, dadas estas explicações, e mostrada assim a infamia e miseria daquelles que me agredem, tenho provado á camara que nesta cadeira se senta um homem digno de que se lhe aperte a mão (apoiados.—Vozes: Muito bem.)»

(O orador foi cumprimentado por muitos srs. deputados de todos os lados da camara.)

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios do reino

Direcção geral de instrucção publica

2.^a Repartição

Sua Magestade El-Rei, tendo ouvido o conselho geral de instrucção publica, ha por bem approvar e mandar executar as instrucções juntas para os exames de habilitação, que, na conformidade do decreto de 30 de abril ultimo, são obrigados a fazer os alumnos que pretenderem ser admittidos á primeira matricula nos estabelecimentos de instrucção superior dependentes do ministerio do reino.

Paço, em 18 de maio de 1863.—Anselmo José Braamcamp.

Instrucções para os exames de habilitação perante os estabelecimentos de instrucção superior, na conformidade do decreto de 30 de abril de 1863.

EPOCHAS DOS EXAMES E COMPOSIÇÃO DOS JURYS

Artigo 1. O conselho dos decanos da universidade de Coimbra, e os conselhos da escola polytechnica de Lisboa e da academia polytechnica do Porto, fixam no mez de maio de cada anno lectivo as duas epochas em que se ha de proceder nos exames de habilitação para a primeira

matricula nos cursos superiores; a primeira no mez de julho e a segunda no mez de outubro; tendo em vista as seguintes condições (lei de 12 de agosto de 1854, art. 7 § 2, e decreto de 30 de abril de 1863, art. 6):

I Que a segunda epocha de exames não passe além do dia 15 outubro (lei de 12 de agosto de 1854, art. 8);

II Que todos os exames de habilitação se possam expedir nas duas epochas fixadas na conformidade do art. 1 d'estas instrucções;

III Que não é permitido aos alumnos que obtiverem n'uma epocha de exames a qualificação de *adiado* em alguma das provas, repetil-as na immediatamente seguinte, se entre uma e outra não tiverem mediado pelo menos seis mezes.

Art. 2. Os chefes dos estabelecimentos de instrucção superior marcarão em cada epocha de exames de habilitação os prazos, dentro dos quaes os candidatos são obrigados a apresentar os seus requerimentos, e publicam por edital affixado com a devida antecipaçào, e transcripto na folha official do governo, esta e as mais condições exigidas para admissão a estes exames.

§ 1. Na fixação dos prazos, dentro dos quaes os candidatos são obrigados a apresentar os seus requerimentos, se attendera: 1.^o que no mez de julho ainda os candidatos podem fazer alguns exames que lhes restem nos lycens; 2.^o que, findado em julho a epocha dos exames nos lycens, podem todos os candidatos que pretendem fazer o exame de habilitação no mez de outubro apresentar os seus requerimentos no primeiro dia d'este mez.

§ 2. Determinado d'este modo, desde 1 de outubro, o numero dos exames de habilitação que têm de ser expedidos n'este mez, se regulará convenientemente o numero de examinandos que podem ser admittidos em cada dia; aproveitando-se para esse fim as quintas feiras, se for grande a concorrência aos mesmos exames.

§ 3. A fim de serem expedidos com regularidade no mez de julho os exames de habilitação de todos os candidatos que se apresentarem dentro do prazo marcado, têm preferência nos exames dos lycens os alumnos a quem faltar um ou dois exames para serem admittidos aos de habilitação, preferindo sempre aquelles, a quem faltar um só.

Art. 3. Os conselhos, a quem incumbe pelo art. 1 fixar annualmente as epochas dos exames, procedem conjunctamente á nomeação dos membros quem têm de constituir os jurys academicos, e que são os mesmos para todos os exames que tiverem logar durante o anno lectivo para que foram nomeados.

§ 1. Os jurys dos exames que habilitam para os cursos de theologia e direito da universidade de Coimbra são nomeados d'entre os lentes das respectivas faculdades effectivos ou jubilados, e na falta d'estes d'entre os doutores residentes em Coimbra e d'entre os professores do lyceo nacional, não tendo uns e outros ensinado particularmente nenhuma das disciplinas sobre que versa o exame de habilitação.

O presidente e um dos membros do jury pertencem sempre á classe de instrucção superior.

§ 2. Os jurys dos exames que habilitam para os cursos de sciencias naturaes são compostos de lentes de sciencias mathematicas e philosophicas. Na universidade de Coimbra podem tambem fazer parte do jury os lentes da faculdade de medicina. Na falta de lentes, podem entrar na formação dos jurys os doutores das respectivas faculdades residentes em Coimbra.

§ 3. Além dos membros designados para os jurys dos exames de habilitação, na conformidade do que fica disposto n'este artigo e seus paragraphos, são nomeados outros tantos supplentes para servirem em todos os impedimentos effectivos.

§ 4. Se for grande a concorrência dos examinandos, podem constituir-se novas mezas perante as quaes se proceda ás provas escriptas. Estas mezas são compostas dos membros supplentes, nomeados em virtude do § antecedente.

§ 5. Os secretarios dos jurys academicos são em Coimbra o da universidade, e em Lisboa e Porto os das respectivas escolas de instrucção superior.

Art. 4. Os lentes e professores nomeados para compôr as secções dos jurys academicos só podem ser dispensados d'este serviço, quando estiverem occupados em côrtes ou em commissões do governo ou impedidos por justificado motivo de molestia.

DAS PROVAS ESCRIPTAS

Art. 5. As provas escriptas são dadas perante os respectivos jurys em uma das salas dos exames por turnas. O numero de examinandos em cada dia é regulado pela maior ou menor concorrência de candidatos.

§ 1. Na porta da sala dos exames é affixada uma pauta com os nomes de todos os candidatos ás provas por escripto, pela ordem dos despachos de admissão, lançados nos seus requerimentos pelo chefe do estabelecimento.

§ 2. Os requerimentos despachados e numerados são enviados de officio pelo chefe do estabelecimento ao presidente do jury academico, o qual faz successivamente assignar na pauta geral, com antecipaçào de vinte e quatro horas, pelo menos, os dias em que os candidatos são admittidos ás provas por escripto. Se algum faltar ao acto da chamada, é substituido pelos immediatos na inscripção da pauta que estiverem presentes; e só pôde ser admittido segunda vez, depois de todos os que até esse dia estiverem inscriptos.

§ 3. A hora marcada, reunidos os membros

do jury na sala dos exames, e feita pelo bedel ou continuo do estabelecimento a chamada dos candidatos, a quem tiver sido assignado dia para as provas por escripto, cada um dos presentes escreve em um livro, que está sobre a meza do jury, o seu nome, naturalidade e filiação. Acabada esta inscripção o primeiro examinando na ordem da pauta tira á sorte um ponto, que entrega ao presidente do jury, o qual o lê em voz alta para todos os examinandos da mesma turma escreverem.

(Continúa.)

CHRONICA DISTRICTAL

Já dissemos que a camara d'Agueda era uma phantasmagoria, ou antes uma chimera para o cumprimento dos deveres, que lhe são inherentes; porém deixa de ser tudo isso, quando o sr. João Ribeiro lhe bate os acieitos para dar livre e desaffrontada passagem á torrente das maldades, das corrupções, das mentiras, e das injustiças, que sempre foram a mola real de toda a sua nefasta vida publica.

Isto não deve fazer correr por nenhum corpo dos eleitores os costumados e violentos estremeções do horror e da indignação, sabendo se, como perfeitamente se sabe, que a camara é o sr. João Ribeiro; e que, sendo elle, como toda a gente sabe, um dos mais abominandos homens, que conhecemos, pelos hediondos e asquerosos meiros, de que se arma sempre para dar um ar triumphante ás suas horrendas pertençações, não hesita nunca em esmagar tudo o que nolle ntuea deo o menor signal do espiritalismo — o brio, a dignidade e a honra, que serve sempre d'antídoto aos verdadeiros homens, quando os maos, para os empedonarem, lhes emborcem a taça dos seus venenosos vicios, a fim de os compellirem a tragédias; o que só seria toleravel, se isso servisse d'expição para remir uma consciencia impura e inquieta, e para rebocar aquelles predicados, afugentados por uma serie de escandalos altamente odiosos e repellentes!!!

Soffreremos por mais algum tempo a ordem de Varsovia a respeito da camara no concelho de Agueda.

Quando se lhe pede por meio de requerimentos as cópias das actas acerca de negócios melindrosos, responde o sr. presidente com mil caretos, tirando-os para o limbo do esquecimento, por não haverem taes actas escriptas nos livros respectivos.

Algumas juntas tambem se deixam lacerar pela lepra contagiosa, que, ha muito, emposta, e enferma o municipio d'Agueda por o seu presidente beber na fonte, que sacia todas as vontades do sr. João Ribeiro!!!

Agora nada mais ha a esperar que resignar-se o concelho a ser paciente até ás primeiras eleições, suffocando na explosão geral da vontade unanime de todos os votantes essa rafada e estafada caranguejola, que contorcendo-se d'impotencia, só cuida de esgotar a cornucopia das veniças torpes e escandalosas, que menea sempre.

Para aquietar mais alguma coisa as implacaveis furias do heterocito João Ribeiro, quasi que foi posto em holocausto pelo famigerado e caerejante Gallinha, seu proselyto, o honrado professor d'Ados ferreiros, por não querer commungar os preceitos da biblia carunchosa, *escaranchada*, e a cair em podridão, affrontando-o falsamente com epithetos torpes e infames, e sendo comivente, talvez, com um assassino, que desfechou contra elle um tiro, do qual escapou felizmente sem ferimento algum.

Consta-nos que estão para serem victimas das tetricas sanhas dos servos adscripticios da gleba *Ribeirista* os srs. Santiago, e seu amigo *Aristides*, por se terem declarado, aquelle, ha muito já, e este, depois que o sr. Joaquim Alvaro é administrador, decididos e valorosos *Hercules* jornalistas contra a sua facção, que tanto tem estrebuxado, por se haverem começado a alimpar os canaes da corrupção, que serviam d'opiparos banquetes nos seus fins atrozes!

Contudo estes estão muito longe de se empavorirem com as pelajas dos seus rancores politicos!

Arrostarão todos os escolhos, que se lhes apresentem.

No dia 25 do corrente festejou-se na sua capella de Bulliar, segundo o costume, S. Geraldo. A concurrença foi diminuta por causa da chuva, que nesse dia caiu em torrentes até quasi ao meio dia.

Concelho d'Agueda, 26 de maio de 1863.

EXTERIOR

Dos jornaes recebidos hontem copiamos o seguinte:

Cracovia 22. — Dombrowski derrotou um corpo russo perto de Krezien. Outro corpo foi no mesmo dia destruido por Mystkowi e Pruzinski.

A insurreição manifestou-se no circulo de Haisinski e immediatos.

Uma mil estudiantes de Heyjon e Berdyewse passaram para os insurgentes. Estes não encobrem o seu descontentamento pela lentidão e frieza diplomaticas das nações que os protegem.

A sociedade de Credito de Varsovia negou

ao governo um emprestimo de um millião de rublos.

O imperador da Austria recusou a Langewits permissão para passar ao estrangeiro.

Marsella 22. — A Porta dirigiu á Russia uma nota em favor da Polonia.

Novo ministerio em Athenas presidido por M. Romfos.

Receia-se que a anarchia o derribe como fez aos anteriores.

Londres 22. — Parece que os federaes cortaram as communicações pelo caminho do ferro entre Wicksburgo e Richmond, entre Charleston e Tullahoma. As noticias do exercito de Hooker chegam a 5. Interrompeu-se a lucta por causa da chuva que cahia a torrentes. A divisão Sogdwick, conseguiu passar o rio. Feridos gravemente os generaes Stonewal Jaeskon e Hill, e Ranson morto.

A divisão Heiktzelman, de 30.000 homens, sahiu de Washington para ir reforçar Hooker. Imenso numero de prisioneiros. Considera-se o exercito federal em tão desastroso estado que lhe será impossivel por muito tempo intentar de novo a invasão da Virginia.

Paris 22. — Pessoas bem informadas asseveram que em sessenta departamentos de Franca, está certa a eleição dos candidatos do governo. Nos outros vinte e nove haverá lucta; com tudo o governo espera vencer em mais de metade d'elles.

Hamburgo 23. — O governo russo poz em pé de guerra os terceiros batalhões de guarda.

O governador da provincia de Posen foi transferido.

Muitos insurgentes são commandados por officiaes russos.

Ha diariamente encontros, e em pontos diferentes, entre russos e polacos.

Turin 23. — Parece que o governo francez pensa n'um convenio militar com o reino de Italia para a repressão dos salteadores nas fronteiras romanas.

Cracovia 23. — O governo nacional da Polonia decretou um levantamento geral contra os russos para o 1.º de junho.

Londres 23. — Segundo o «Morning Herald» a Franca e a Inglaterra propozeram um armistício na Polonia. Durante esse tempo as fortalezas do reino continuão occupadas pelos russos. Estabelecer-se ha immediatamente uma administração polaca. Nenhum individuo comprometido no movimento insurreccional poderá ser preso nem processado.

Alexandria 23. — O principe Napoleão visitou os trabalhos do canal de Suez.

Berlin 23. — A camara dos deputados adoptou por maioria de 239 votos contra 60, o projecto da mensagem ao rei.

N'ella pede-se aos ministros a declaração que pediram, fazem nos responsaveis da esterilidade da legislatura, e pedem a S. M. ponha fim a um lamentavel estado de cousas cheio de perigos para o reino e para o throno.

S. Petersburgo 24. — O governo publicou as notas dos gabinetes de Hollanda e Dinamarca, sobre a questão polaca, e a resposta da Russia.

O governo portuguez associou-se á nota ingleza.

A resposta do governo russo recorda que a insurreição tem por causa excitações externas, e acrececenta que o imperador se inspira do seu coração e do seu dever para resolver o conflicto.

NOTICIARIO

Ovação. — O eximio actor portuguez, o sr. Taborda, pisou pela terceira vez o palco nesta cidade na ultima sexta feira.

O theatro estava por tal modo repleta de espectadores, que se nos affigiu impossivel que siquer mais um pedosse caber ali.

Nos dias e noites anteriores o sr. Taborda conquistou a admiração, e as idolatrias de todos.

Fervia a ancía de vel-o ainda subir naquella derradeira noite ás alturas onde costumam pairar os grandes genios.

Havia mais uma circumstancia que augmentára as sympathias de todos.

O nobilissimo actor subia á scena em beneficio de seus irmãos artistas desta cidade.

Não é necessario dizer os primores com que desempenhou todas as peças que destinou para aquella noite. Não damos n'isso novidade a ninguém.

O publico aveirense foi reconhecido ao obsequio, e rendeu preito condigno aos talentos do grande actor. De todos os rostos transpareciam jubilos de fervente entusiasmo.

Levantado o pano, e apparecendo o sr. Taborda na scena, teve logo uma recepção estrepitosissima de bravos e de palmas. Foi um delirio que acabou no fim do espectáculo.

Ninguém saberia contar os ramos e corôas de flores, e o numero de pombas enfeitadas com fitas de cores variegadas, com que no fim de cada scena se alastrava o palco, e victoriava o actor. Nunca vimos enthusiasmo tão vivo, ovação mais fremente.

Recitaram-se dos camarotes algumas poesias que em seguida vamos transcrever, e que tiveram grandes applausos, por que traduziam o sentimento que extasiava a todos.

Entre outras agradou muito a do sr. D. Pablo Sans no idioma hespanhol.

E' uma poesia de merecimento, por onde aquilatamos os favores que recebeu este cavalheiro sympathico das musas.

Depois que o sr. Resende recitou os seus versos, offereceu ao artista uma linda corôa de flores artificiaes.

As duas ultimas poesias foram recitadas no palco por seus actores, terminando cada uma com estreitos abraços no sr. Taborda, por entre palmas e bravos os mais entusiasticos, e delirantes.

Depos entrou no palco a companhia dos actores artistas que tambem nessa noite representaram uma linda comedia, intitulada o *Barbeiro do Barão*. — E' uma composição original de um dos mesmos artistas, que tem a profissão d'al-faiate, e que nella faz perfeitamente a parte principal, e que foi surpreendente para o sr. Taborda, e para todos.

O actor do *Barbeiro do Barão* — trazia em uma salva de prata uma formosa corôa de flores de seda que offereceu ao sr. Taborda em nome dos filhos do povo, e como tributo do seu amor e reconhecimento ao grande actor da scena portugueza.

O sr. Taborda ouviu aquellas palavras, e acceitou a corôa, e recebeu numerosos abraços de todos os artistas actores com uma emoção indizivel. Apenas lhe ouvimos balbuciar — *Estes momentos, e estas sinceras, e espontaneas demonstrações, meus irmãos, e meus camaradas, são os mais felizes da minha vida.*

O sr. Taborda não pôde articular mais palavra. Corriam-lhe lagrimas a fio, e trémulo, e profundamente commovido continuou a receber innumeraveis abraços, e de muitos outros artistas, e cavalheiros, que subiram ao palco. Durou isto um bom espaço de tempo.

Quando o sr. Taborda entrou para o seu camarim, hia suffocado por soluços, e affogado em pranto.

O pano da bocca do theatro conservou-se sempre levantado.

Nunca assistimos a uma scena de tão gratas e tão vehementes emoções.

O sr. Taborda foi depois acompanhado á sua residencia com a musica, e quasi por todos os espectadores, incluindo grande numero de senhoras.

No dia seguinte antes que o sr. Taborda partisse para o Porto na via ferrea, os artistas fizeram-lhe ainda um mimo que augmentou o seu reconhecimento.

O sr. Taborda deixou antes de partir uma carta que ao diante publicamos tambem.

Ao eminente actor Francisco Alves da Silva Taborda

(Improvisado)

Taborda — que genio este!
Dos genios conquistador!
Rei da scena, rei do palco,
Dos genios fica senhor.

Conquista Cezar a terra,
Conquista Nelson os mares;
Taborda conquista o mundo,
E no mundo tem altares.

Por entre palmas e bravos,
Voluntaria vassallagem
Recusada aos potentados,
Tu a tens por homenagem.

Levanta a fronte e'roada,
Olha, Taborda, o que vês?
Vês um povo, vês Aveiro
Tambem curvado a teus pés.

Aveiro berço de genios
Sabe o genio avaliar:
Rei do palco, rei da scena
Vae Taborda proclamar.

Aveiro 29 de maio de 1863.

Manoel de Mendonça.

Ao distincto actor Taborda

Precede o astro que despede esplendido
Em ceu formoso fulgurante luz,
Viva scentelha, deslumbrante auréola,
Que as sombras rompe, que o olhar seduz.

Ai todos querem ver o effeito magico
D'aquella prova do poder de Deus;
Ninguém a explica, e o luzeiro místico
Perde-se além na vastidão dos ceus.

No esto ardente de enthusiasmo subito
E grande o homem que á gloria ascende;
A arte explora, e ao clarão do genio
Criam-se mundos, que elle só comprende.

Ver o talento, que a natura prodiga
Cedeu aquelle que do palco é rei;
Por entre applausos festejar o merito,
E nobre, é digno de um povo — eu sei.

Deserta a scena das primeiras glorias
Do mundo artista, no formoso Aveiro
Taborda surge, se transforma em idolo,
Seu alto engenho nos sorri primeiro.

Rompeu a fama — até nós; e avidos
De ver o astro que brilhava além,
Amigos d'arte, dando impulso ao jubilo,
Com voz amiga lhe disseram — vem!

Salve brioso, desvelado apostolo
Da culta seita que Moliere firmou!
Um povo cheio de enthusiasmo fervido
O actor d'instincto, cordeal, saudou!

Aberto o templo ás orações do genio
Tudo respira regosijo e festa;
Taborda escuta — se a vida é ephemera,
Da scena o facto tua gloria attesta.

Aveiro 29 de maio de 1863.

A. V.

Al eminente actor portuguez D. FRANCISCO TABORDA

De la sultana, que en los pies de Europa
Cifio su cuerpo con dos anchos mares;
De la matrona, que en ignotos mundos
Lanzó aguerrida sus veleras naves;
De aquella Iberia tan grande, tan activa,
Que todo el mundo feroz se disputaba;
Eunesto un dia, la discordia fiera
Manchó su manto con su propia sangre?...
Manchó su manto, y al amor fraterno
Energico y cruel el odio separaba!...
Por esto, el velo de pasada historia,
Que aun, hoy dia, no cubrió la mancha
Llena de luto mi corazón, oh! artista!
Por no poder decir: *Es de mi patria!*

Taborda, yo te admiro
cuando, al estar en las tablas,
siendo el cuerpo solo uno
lo cubres con tantas caras!
¿ Quien te enseñó á colocar
aquel sombrero y la capa?
¿ Que pacto con el diablo
tienes hecho; ó que mágica
hechicera te dá auxilio
para que, de una mirada,
de joven pasés á viejo,
de viejo á mozo augurante?
¿ Que sastró te dió lecciones
de vestir con elegancia?
¿ Quien pulimó tu lengua,
y la hizo tan ástica,
que seas, en Inglaterra,
un ingles de pura raza;
en Portugal, portuguez;
buen español, en España
y cantes el *Torrador*
como jamas sé cantára?...
Todo esto, oh! grande artista!
yo bien sé de donde nace;
Dios te dió un espejo tal
al darte tu grande alma,
que la humanidad entera
queda en ella reflejada.

Aveiro, 29 de maio de 1863.

Pablo Sans y Guttar.

AO TABORDA

Vêde-o, amigos meus, o rei da arte,
Notai-lhe a divinal inspiração;
Vêde-o mais uma vez, honrae-lhe o genio,
Que quem Taborda louvra honra a nação.

E' grande o genio seu! sopra divino
O peito inda infantil lhe bafejou!
Deu-lhe á alma o sentir, á voz magia,
E ao throno da gloria o destinou!

Magica voz do céu lhe fallou n'alma,
E diz-lhe: Vae, artista, vae colher
Os louros que entreteçam a grinalda,
Que tu, artista rei, has-de mer'cer.

Vae pois, e recompensa os teus triumphos
Com provas do teu genio divinal;
Tu guardarás p'ra ti da c'roa as flores,
E a gloria. . . . dal-a-has a Portugal.

E o artista partiu, colheindo louros,
E a gloria bem depressa elle alcançou,
D'um canto a outro do paiz inteiro
O nome de Taborda se escutou.

Flores. . . . elle inda as colle, e vós, amigos
Que o tributo pagaes d'admiração,
Vêde-o mais uma vez, honrae-lhe o genio,
Louvai-lhe a divinal inspiração.

E tu, actor insigne, quantas vezes
Tu á sombra da gloria descansado
Has-de uma a uma ir contanto as flores,
Que p'ra c'roa d'artista tens ganhado.

Possa ao menos Aveiro entre essas flores
A mais humilde ter, possas guardal-a,
E que não vá em breve, por singella,
A mão do esquecimento desfolhal-a

De dia brilha o sol em ceu formoso,
E ofusca das estrellas o luzir,
Ao clarão do sol das tuas glorias
Como has-de a nossa estrella ir descobrir?

Mas em quanto é noite, amigo, o sol não fulge
E vê-se das estrellas o brilhar;
No intervallo tambem dos teus triumphos
Has-de estas nossas palmas recordar.

E ellas tem direito a ser lembradas,
Que espontaneas vem do coração,
Se de todos exprimem a saudade,
De muitas dizem mais — a gratidão.

Leva pois... guarda bem, e cinge ao peito
A que Aveiro te offerta, pobre flor!
É modesta, que vale? como homenagem
Ai! que poucas terão maior valôr!

E vós, amigos, ao actor insigne
O tributo pagae d'admiração;
Vede o mais uma vez, honrae-lhe o genio,
Honrae-lhe a divinal inspiração.

Que as palmas ao talento tributadas
Tambem honram as mãos com que são dadas

Aveiro, 29 de maio
de 1863.

F. R. Junior.

A F. TABORDA

Distincto actor portuguez

Cá estou, firme soldado, no meu posto...
Ah! não faltava, não!
Sou praça, que jamais n'estes momentos
Abandona o plotão.

N'uma descarga de palmas,
N'um bombardeio de flores,
Não ha um cá na fileira,
Que me leve a dianteira!

Mas... Taborda, tu pensas, imaginas...
A terrível bernarda que has causado?...
Ha mais de um mez tens sido para Aveiro
Um novo Sebastião o desejado.

«Sempre vem o Taborda?... e quando chega?...
—Perguntavam por li—«E donde vem?
«E como será elle?... é alto?... é feio?...
«Tu já viste a figura que elle tem?

«Ovi dizer que estava hontem Coimbra...
—Qual? foi a Guimarães representar...
«Elle volta a Lisboa um d'estes dias...
—Volta a Lisboa?! Então podem-no esperar!..»

Por fim, não como o Rei—o desejado.
Que o Bandarra esperou com novoeiro:
Mas em noite invernos, appareceste!
Ao remanso da paz voltaste, Aveiro!

Agora mostrai-lhe, amigos,
N'uma lúida ovação,
Que sabeis prezar o genio,
Dar-lhe o justo galardão.

E tu em tua carreira
Conta mais esta victoria!
Prosegue, distincto artista,
Que vais caminho da gloria!

Cá estou, firme soldado no meu posto...
Ah! não faltava não!
Sou praça, que jamais n'estes momentos
Abandona o plotão!

N'uma descarga de palmas,
N'um bombardeio de flores,
Não ha um cá na fileira,
Que me leve a dianteira!

Evaristo Pinto

Aveiro, 29 de maio 1863

Ao actor Taborda

Muito de ti já esperava Aveiro,
Mas tu foste inda além do que esperou;
Excedeste o ideal, que imaginára
Quando a esperança de ver-te o visitou.

A fama só dizia que eras grande;
Que és portentoso genio agora vê;
Que a perfeição tocaste, d'onde a homens
Não é dado passar, quem o não crê?

A fama é quasi sempre mentirosa,
E ninguem deve crêr tudo o que diz;
Mas eu confesso, amigo, que a seguil-a
Seria a teu respeito um mau juiz.

Sentir admiração é dado a todos;
Por palavras mostral-a, quem logrou?
Mas se a lingua não diz quanto alma sente,
Dil-o-ha este abraço que te dou.

Mais um... que vem já tardio,
Cangado, morto de frio,
N'este calor aquecer;
Que te ouve, e se anima logo,
Que escalda as mãos n'esto fogo,
E se sente aqui viver!

Mais um, que vem descoberto,
Chegar-se de ti mais perto,
Abençoar-te, e bradar—
—BRAVO ao Taborda, o Artista—
Oh! quem ha abi que resista
Ao prazer de o abraçar?!

Aveiro 29 de Maio de 1863

J. Bandeira.

Foi distribuida a seguinte poesia do nosso
amigo o sr. J. J. de Brito Rebello.

TRES NOITES

AO INSIGNE ACTOR

Francisco Alves da Silva Taborda

Só tres noites!—curto instante
No bulicio desta vida!
Tres noites só!—e apoz ellas
Para sempre a despedida!?

Em tres noites o teu genio
Encheu-nos o coração;
Foi mui pouco para o goso,
Assaz para a admiração.

Ditosa a terra que um dia
Viu o genio em si raiar,
Ditoso o povo que pôde
Preito ao talento prestar.

Nessas palmas, nesses bravos
Que o povo ardendo soltou
Rei dos artistas—Taborda—
Nosso prazer não findou.

Partilhámos breve instante
O fulgor de tua gloria,
Mas guardaremos eterna
Do teu talento a memoria!

Se, qual fugaz meteóro
Teu genio por nós voou,
Em nossos peitos—Saudade!—
Eis o rasto que deixou!

Aveiro, 29 de maio de 1863.

Partida.—Realisou-se no sabbado a parti-
da para o Porto do nosso admiravel e portento-
so actor o sr. Francisco Alves da Silva Taborda,
que foi conduzido n'uma carroagem expressa, pe-
lo caminho de ferro.

A's 11 horas da manhã entrou a s.^a n'um
carro particular que foi posto á sua disposição e
de sua ex.^{ma} familia, para os transportar a Es-
gueira. Seguiu-se outro carro em que iam alguns
dos mais particulares amigos do sr. Taborda; e
ainda outro carregado de pessoas, e a pé, muitos
individuos todos amigos e admiradores do gran-
de genio. Chegadas a Esgueira, esperou-se pela
machina locomotiva, que chegou dentro de pou-
co tempo, e tendo-se antes feito as saudosas des-
pedidas, as lagrimas que brotavam dos olhos do
sr. Taborda e dos amigos que o circumdavam,
era a prova mais eloquente, o testemunho de
maior sympathia que nós recebiamos e elle nos
podia dar. O sibillo da locomotiva annunciou que
n'um instante desapareceria o comboyo que con-
duzia o amigo que veio revolucionar esta cidade,
e que ella em tres noites tanto festejou.

Foi em companhia do sr. Taborda o nosso
particular amigo o sr. Agostinho Pinheiro, por
cuja intervenção veio a Aveiro o insigne actor,
o sr. José Antonio da Silva e mais outros cava-
lheiros, que aproveitaram a occasião de o acom-
panharem.

Carta de despedida.—O sr. Francis-
co Alves da Silva Taborda dirigiu-nos a carta
que se segue.

E' o adeus saudoso que o distincto actor diri-
ge aos habitantes desta cidade, que tanto o sou-
beram festejar e admirar:

Sr. redactor.

Aveiro, 30 de maio
de 1863.

«Penhorado em extremo pelo benevolo aco-
lhimento, que os cavalheiros e o publico desta ci-
dade se dignaram fazer ao meu pobre mereci-
mento, não posso retirar d'este agradável recin-
to sem testemunhar, pelo modo que me parece mais
publico, o meu eterno reconhecimento aos favores
de toda a natureza que aqui recebi.

Retiro cheio de saudade, com o coração ple-
no de gratidão, e fazendo votos por que esta boa
terra que deu ao paiz o grande vulto popular,
que ha pouco subiu aos espaços da eternidade,
e cujos artistas tanto valem pela sua dedicacão e
patriotismo, venha a gosar de todas as vantagens
que o seu genio hospedeiro merece.

V. fazendo chegar ao conhecimento do pu-
blico, pelo intermedio do seu mui lido jornal, es-
tas poucas palavras de reconhecimento, dará mais
uma prova de benevolencia e favor ao

De V. etc.

Francisco Alves da Silva Taborda.»

Despedida.—Partiu no domingo, d'esta
cidade, com direcção ao Porto o ex.^o sr. D. Jo-
aquim Moreira dos Reis, bispo resignatario d'An-
gola. S. Ex.^a empregou-se no tempo que esteve
n'esta cidade, em desempenhar as funcções do seu
alto ministerio. Vindo expressamente para cele-
brar de pontifical na festividade de St.^a Joanna,
sempre condescendente com os pedidos do nosso
amigo que o convidou, adiou a sua partida para
ministrar, primeiro, o sacramento do chrisma a
milhares de pessoas, que avidas de alcançarem
esta nova graça concedida pela igreja, vieram
a receber o sacramento da confirmacão, e por ul-
timo, dando ordens aos ordinandos d'este bispa-
do, poupando-lhes despezas e incommodos.

S. Ex.^a não quiz partir sem deixar a sua

vinda a esta cidade assignalada por um acto de
verdadeira abnegação.

As vélas de cera que os ordinandos offere-
cem na occasião de receberem as ordens, ce-
deu as a favor da archiconfraria do SS. Coração
de Maria.

Foi uma esmolla arultada pela quantidade e
tamanho das vélas.

E' o sr. D. Joaquim de tracto llano e um
caracter verdadeiramente sacerdotal.

Os seminaristas querendo manifestar-lhe a
sua sympathia, convidaram uma philarmonica
que na vespera da partida de S. Ex.^a esteve to-
cando á porta da sua residencia.

S. ex.^a dirige aos habitantes d'esta cidade a
seguinte despedida:

«D. Joaquim Moreira dos Reis, bispo titular
d'Angola, penhorado em extremo pelos distinctos
obsequios, que recebeu durante a sua permanen-
cia n'esta cidade, dá por este modo um publico
testemunho do seu reconhecimento; e declara que
jãmais esquecerá as agradaveis impressões, que
lhe sensibilisaram o coração ante a indole religio-
sa e o genio hospitaleiro dos nobres habitantes
d'Aveiro.

Tambem pede desculpa d'algunha falta de
cumprimentos aos cavalheiros, que se dignaram
procurar-lo.»

Festividade.—Teve logar na domingo
na igreja de Jesus, a festividade do SS. Coração
de Maria, que serve de remate aos exercicios pra-
ticos que durante o mez de maio se celebraram
n'esta igreja.

Procição.—Sahe na proxima quinta fei-
ra da igreja da Sé, a procição de Corpus Christi.
O sr. vice-presidente da camara que embira-
com enovações, ordenou que a procição sahis-
se depois da missa, ao meio dia que faz um ca-
lor insupportavel.

Nada de modernismo. Voltemos ao antigo.
Ordena o sr. vice-presidente da camara munici-
pal d'Aveiro, é quanto basta.

Caminho de ferro.—Até que a final
será provisoriamente aberta á exploracão no dia
8, segundo uns, e 15, segundo outros, a secção
do caminho de ferro comprehendida entre as es-
tações das Devezas e Estarreja.

Na verdade parece proposito da compa-
nhia, que estando o caminho viavel até Esguei-
ra, a 1 kilometro distante d'Aveiro, não obti-
vesse a approvação do governo para o poder
abrir até este ponto. E isto depois do governo
haver approvado ha mais de 6 mezes a secção
até Estarreja!

Não se pode desculpar este capricho da com-
panhia.

Dizem-nos que os trabalhos do Porto a Coim-
bra devem estar promptos *impreterivelmente* até
ao dia 20 d'este mez, e que a exploracão entre
uma e outra cidade principiará passados poucos
dias.

Nem acreditamos que os trabalhos se con-
cluem n'este curto espaço de tempo, pois que as
obras que restam a fazer ainda estão muito de-
memoradas, e nem mesmo que as vissemos a con-
cluir-se acreditariamos no *impreterivelmente*, por
tantas vezes inutilmente empregado.

Emfim, já que assim o querem, vae o publi-
co gosar dos 45 kilometros, que tanta é a distan-
cia que divide as estações das Devezas e Estar-
reja.

Os combois partem de Estarreja ás 6 horas
da manhã e chegam a Villa Nova de Gaia ás
7 horas e 38 minutos; e d'esta villa partem ás
8 horas e 30 minutos da manhã e chegam a Es-
tarreja ás 9 e 58 minutos. O serviço da tarde é
feito, do primeiro ponto, ás 4 horas; e do segundo
ás 6 e 20 minutos.

Em toda a secção paga o passageiro da 1.^a
classe 810 réis; e da 2.^a 630 réis; e o da 3.^a,
450 réis.

Reparação.—Publicámos no numero
passado uma chronica districtal a que nos parece
dever fazer algum reparo, que teriamos feito no
mesmo numero se nos não faltasse o espaço.

Queixa-se o chronista do procedimento do
sr. delegado, mas permitta-nos que lhe digamos
que nos parece demasiado severo: o funcionario
publico deve ser inflexivel no cumprimento dos
seus deveres, e o rigor só prova zelo que, bem
longe de merecer censura, merece elogio.

Estimaremos que o chronista concorde com
o nosso modo de pensar, pois que desejamos a jus-
ticia para todos sem distincção alguma.

Bibliotheca.—A bibliotheca do lycen
desta cidade ha de abrir-se ao publico na quarta
feira 3 do corrente.

Abra-se o passeio.—Não ha quem
possa resistir ao prazer de gozar, uma noi-
te de luar, principalmente quando é clara e
amena como as tres ultimas, em que a nature-
za parece reviver, e o homem embestado nas mais
profundas cogitações, tendo por testemunha o
silencio e em roda de si a extensão dos astros,
admira a belleza e a disposicão das coisas huma-
nas, e enlevado, mais se afunda e perde na com-
prehensão da natureza.

A noite de domingo provocava o homem
mais distraido a doces cogitações. A noite
parecia transformada em dia. Ranchos de senho-
ras e familias se cruzavam em todas as direcções.
Era no jardim onde ainda esperavamos encontrar o
maior numero. Mas qual foi a nossa admiracão
vendo as portas fechadas e o passeio cercado de
pessoas que procuravam accesso para elle! De
proposito e para interrogarmos o guarda, violá-
mos os muros. Passado tempo appareceu um ho-
mem, a quem perguntamos a razão porque as por-
tas se conservavam fechadas, ao que, titubiando,
respondeu que assim o determinava a illustris-
sima camara; mas, dirigindo-se em seguida a casa do

sr. vice-presidente, este lhe entregou as chaves,
com auctorisação de abrir o passeio.

O jardim é um logradouro publico que todos
temos direito de gozar quando e melhor possamos.
Não são as pessoas que á noite ali vão passear
que destroem e arrancam as flores: se a camara
allega essa circumstancia para não franquear as
portas do jardim, mande policial-o pelos guardas,
e imponham penas áquelles que infringirem as
posturas.

Hontem ainda nos foi mister saltar os mu-
ros, por que as portas estavam fechadas, mas lo-
go appareceu um guarda a abri-las, e em segui-
da vieram algumas familias sentar-se nos bancos
para gozar a frescura da noite.

Tourada.—Alegrem-se os amantes que
vamos este anno ter mais este divertimento em
Aveiro.

Era n'outro tempo o mez de junho, em que
sempre se costumavam correr os touros, a epocha
de mais furor e entusiasmo que tinham os nos-
sos patricios. As corridas aqui não se assemelham
em nada áquelles barbaros espectaculos que se
presenciam na Hespenha e outras partes, em
que a agilidade do homem luta com a ferocida-
de do animal, do qual, um, sahe vencedor.

Os touros que se aqui correm parecem car-
neiros no tamanho e cordeiros na bravura.

O mais caracteristico das nossas corridas con-
siste na quantidade e variedade de mascaras
que a rapaziada costuma exhibir, imaginan-
do-se na praça verdadeiros Tatos, Cucheres, etc.

A praça será construida no Rocio, e em bre-
ves dias vai principiar a sua construcção, porque
a primeira corrida terá logar o mais tardar no
dia 14.

Na secção competente vai o annuncio para
as pessoas que desejarem tomar camarotes.

Na proxima 5.^a feira terá logar a publica-
ção das festas, que é a annunciação d'aquelle di-
vertimento.

Eclipse.—Hontem, conforme a predicção
dos astrónomos teve logar um eclipse total da
lua. Teve o seu começo ás nove horas e meia
da tarde e terminou depois na meia noite.

CORREIO

Na sessão do dia 29 do mez passado da ca-
mara dos dignos pares apresentou a respectiva
commissão o seu parecer sobre o projecto do cre-
dito predial vindo da outra casa do parlamento.
A commissão approva-o com pequenas modifica-
ções, e esperava-se que hoje começasse a discus-
são e que não fosse muito demorada.

O sr. marquez da Vallada encarregou-se de
occupar o resto d'esta sessão. Escolheu por as-
sumpto o desenvolvimento que julga ter tomado
a propaganda protestante n'este paiz, e arguindo
por este facto o sr. ministro do reino, disse que
sabia que em Lisboa existia um collegio onde se
ensinava o protestantismo, clamando contra a in-
troducção e publicacão de livros protestantes e
especificadamente contra o que tem por titulo «li-
vro preservativo contra o papa.»

Respondeu-lhe o sr. ministro do reino formal
e dignamente, mostrando que pelas informações
que tinha, podia asseverar que nada havia acerca
de protestantismo, e que a religião catholica,
apostolica e romana era mantida e respeitada em
todas as escolas e collegios da sua dependencia:
mas que o governo estava disposto pelos meios
ao seu alcance a que sobre o pretexto de religião
se trame contra o systema constitucional.

O ardente zello religioso do sr. marquez le-
vou-o a retorquir ao sr. ministro do reino, e obri-
gou o sr. Rebello da Silva a entrar na questão
com aquella facundia que todos lhe reconhecem,
mostrando por fim o quanto era inconveniente
que a camara se occupasse tanto de questões reli-
giosas.

Na camara dos srs. deputados, em sessão do
dia 29, discutiu-se o parecer da commissão de ve-
rificacão de poderes sobre a renuncia do sr. Lati-
no Coelho: e na sessão do dia 30 foi este pare-
cer votado e approvado por unanimidade.

Muitas são as considerações que nos occur-
riam fazer sobre esta unanimidade na approvação,
e regeição da proposta do sr. Fontes, mas a falta
de espaço não nos o permite.

Na mesma sessão apresentou o sr. duque de
Loulé as seguintes propostas de lei:

Para a approvação da convenção consular
com Brazil.

Para se conceder um subsidio de 160 con-
tos de réis á companhia União Mercantil.

Para o governo ser auctorizado a permitir
a creação de sociedades de credito agricola e de
credito predial.

Tinha regressado e entrado a barra de Lis-
boa o nosso vapor de guerra «Mindello», que le-
vou a Bordenes S. A. R. o duque de Brabante.

Segundo diz o «Jornal da Bahia» tinha en-
trado no porto d'aquella cidade no dia 11 de maio
a nossa corveta «Bartholomeu Dias»

Um telegramma dirigido ao Commercio do
Porto dá noticia que estava a chegar á casa Car-
ruthers uma carregação de 200 toneladas de car-
nes seccas.

Esperamos que estes carregamentos de car-
nes seccas se repitam e façam baixar o preço
das verdes.

ANNUNCIO

Os empresarios da praça dos touros n'esta ci-
dade, previnem as pessoas que pertenderem to-
mar camarotes para as corridas que terão logar
n'este mez, se sirvam dirigir-se a casa do sr.
Domingos da Silva Souto, na rua dos Mercado-
res, com quem poderão tratar o ajuste, nas
condições que serão patentes.